

ISIS TOMAS DA SILVA

O SUICÍDIO NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

Seropédica, RJ

Junho, 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

O suicídio na filosofia de Schopenhauer

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais como requisito final para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof.: Dr. Danilo Bilate

Orientando: Isis Tomas da Silva

Seropédica, RJ

Junho, 2016.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais como requisito para aprovação na disciplina Monografia II (AA052) e obtenção do grau de Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Aprovada em 24 / 06 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Bilate – DF/UFRRJ

(Orientador)

Prof. Dr. Vilmar Debona – IM/UFRRJ

Prof. Dr. Francisco José Dias de Moraes – DF/UFRRJ

CONCEITO FINAL: _____

SILVA, I. T.

O suicídio na filosofia de Schopenhauer. / Isis Tomas da Silva. – Seropédica, RJ, 2016.

Curso de Filosofia / Departamento de Filosofia.

Instituto de Ciências Humanas e Sociais / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

28 p.; 30 cm.

RESUMO

Este estudo monográfico tem como tema central a questão do suicídio na filosofia de Arthur Schopenhauer. Buscamos fazer uma reflexão acerca da metafísica do filósofo, articulando alguns de seus (e de outros filósofos relevantes) principais conceitos, tais como *Vontade*, *Representação*, *Fenômeno*, dentre outros. Como exemplificação para refletir acerca do suicídio, analisamos o documentário “A ponte” (2006) que evidencia casos de suicídio acontecidos na ponte Golden Gate nos Estados Unidos, onde há a maior concentração de casos de suicídio em todo mundo. Nesse sentido, pudemos perceber algumas diferenças no que se refere à compreensão comum acerca do tema e à compreensão possível à luz da filosofia de Schopenhauer.

Palavras-chave: Suicídio; Schopenhauer; Vontade.

RESUMÉ

Cette étude monographique est axée sur la question du suicide dans la philosophie d'Arthur Schopenhauer. Nous cherchons à réfléchir sur la métaphysique du philosophe, en articulant certains de ses (et d'autres philosophes pertinentes) concepts clés tels que volonté, représentation, phénomène, entre autres. Comme exemplification pour penser au suicide, nous avons analysé le documentaire « The Bridge » (2006) qui montre des suicides qui ont été lieu sur le Golden Gate Bridge aux Etats-Unis, où il y a la plus forte concentration de cas de suicides dans le monde entier. En ce sens, nous pourrions voir quelques différences en ce qui concerne à la compréhension commune du problème et la compréhension possible à établir à partir de la philosophie de Schopenhauer.

Mots-clés : Suicide ; Schopenhauer ; Volonté.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a graduação, muitas pessoas participaram da minha vida. Cada uma ao seu modo.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Danilo Bilate, pela atenção, disponibilidade e confiança.

Aos professores Francisco Moraes e Vilmar Debona, pela participação na banca e pelas gentis contribuições.

Aos meus pais, Nilton e Simone, e a minha avó Damiana que acreditaram em mim e financiaram esta fase da minha vida.

Ao meu amigo-irmão Rodrigo Pavani, e à Cecília Ribeiro, que estiveram do meu lado durante toda a graduação: vocês além de amigos, são meus irmãos, estarão sempre em meu coração. Muito obrigada, por não me deixarem desistir.

Às amigas Glória Maria Lopes, Sara Raquel de Andrade, Marlise Rosa e Juan Philipe que também se tornaram muito especiais para mim: nunca me esquecerei de vocês.

Aos meninos do 531, por me abrigarem no início da graduação.

À minha família adotiva do 408, em todas as suas conjunturas e formações.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao Gustavo pelos sorrisos nos dias difíceis.

Obrigada a todos.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo I – Vontade e representação em Schopenhauer.....	03
Capítulo II – Os desafios da existência no mundo da Vontade.....	07
Capítulo III – O suicídio em “A Ponte”	12
Considerações Finais.....	17
Referências bibliográficas.....	19

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar algumas reflexões em perspectiva contemporânea sobre o suicídio e questões que relacionam estes atos dos homens de acordo com a *Vontade*, conceito de Arthur Schopenhauer. Por esse motivo, a nossa obra de referência é *O mundo como Vontade e representação* (MVR). Para isso nos utilizamos de discussões já realizadas acerca do assunto em diferentes perspectivas por autores conhecidos e que se propuseram a pensar de forma correlata ou contrastante à visão de Schopenhauer. Dentre esses autores destacamos Georg Simmel, que em seu trabalho, propõe uma leitura transversal das ideias de Nietzsche e Schopenhauer para, sobretudo, refletir sobre a questão do suicídio diante de um pensamento norteado por conceitos e valores que constituem a forma como compreendemos a contemporaneidade, no que se refere à constituição dos homens. O conceito de *Vontade* nos é caro já que a partir dele buscamos nortear e redimensionar não somente a percepção individual dos homens sobre o suicídio como também propor uma nova possibilidade de leitura do suicídio, mesmo sabendo da impregnação de certos valores cristãos que condicionam a compreensão do referido ato.

Para Schopenhauer, ao contrário do que se pensa no senso comum, o suicídio é a afirmação da Vontade e não a sua negação. Nesse sentido, indagamo-nos como o autor pode afirmar tal coisa se, ao se cometer o suicídio, destrói-se por completo o indivíduo movido pela vontade. É com base nesse questionamento que tentaremos compreender o pensamento de Schopenhauer quanto a esse tema tão polêmico que é o suicídio. Por isso, discutiremos também o conceito de Vontade de acordo com o pensamento de Schopenhauer, pois entendemos que ele nos será caro nas análises dos capítulos vindouros.

Beneficiamo-nos, para concluir nosso objetivo de discutir o fenômeno contemporaneamente, da linguagem artística do cinema, mais especificamente aquela materializada no documentário “A ponte” de 2006 dirigido por Eric Steel que mostra a rotina da ponte Golden Gate, situada na baía de São Francisco nos EUA na qual se registra o maior índice de suicídios do mundo. O documentário mostra, ainda, depoimentos de familiares e amigos de suicidas e, através desses depoimentos,

refletimos sobre a atualidade a partir do pensamento de Schopenhauer acerca do suicídio, levando-se em consideração valores que compõem esse pensamento. A partir dessa reflexão, traçaremos um panorama com as ideias de Schopenhauer e toda a sua análise segundo o conceito de *Vontade*.

Nesse sentido, este trabalho está dividido da seguinte forma: um capítulo que tratará dos conceitos de Schopenhauer na perspectiva de sua filosofia, principalmente no que se refere à sua metafísica, perpassando a questão da *Vontade*, da *Representação*, entre outros conceitos. Outro capítulo em que utilizaremos autores como Safransky e Simmel para refletir sobre a construção do pensamento sobre o suicídio em um contexto em que a moral religiosa está em vigor, considerando o tema da perspectiva dos desafios da existência. No terceiro capítulo, em uma reflexão transversal às questões de “Vontade e Representação” tratadas no primeiro capítulo, e às questões relacionadas aos “desafios da existência”, analisamos os dados evidenciados no documentário citado acima com o objetivo de refletir sobre a construção e o pensamento sobre o suicídio considerando-se outras possibilidades de leitura ao longo deste trabalho levantadas.

I – VONTADE E REPRESENTAÇÃO EM SCHOPENHAUER

A filosofia schopenhaueriana, que busca descortinar o existente e que almeja exprimir em conceitos o que foi concebido empiricamente pelo indivíduo concreto, não especula sobre a origem do mundo, para onde este vai ou a razão de sua existência, mas quase que tão somente o que ele é. E a essência do mundo é, segundo Schopenhauer, a Vontade, aqui compreendida como coisa-em-si.

Não obstante, é nevrálgico para o nosso presente propósito que observemos certo pessimismo de nosso autor em relação ao entusiasmo moderno quanto às possibilidades da racionalidade humana; ao contrário dessa pujança kantiana que muitos autores reproduziram, uma força irracional e poderosa dominava o “Eu” e o mundo, segundo Schopenhauer. Essa força era a Vontade, a vontade irracional de viver e persistir custe o que custar, de modo que o “indivíduo” e a razão são apenas marionetes da vontade, o que nos joga ante a seguinte constatação: o mundo não é apenas representação (os fenômenos), mas vontade e representação.

Resumindo uma das teses do referido comentador, podemos dizer que Schopenhauer percebeu a verdadeira força que move o mundo. Na contramão da corrente racionalista, podemos arriscar a dizer que a Vontade possui como característica primaz sua incondicionalidade, que é a negação do próprio princípio de razão suficiente, isto é, a Vontade é, segundo Schopenhauer, o elemento fundante que “traz” o sentido das coisas e do mundo, ou seja, é a fusão entre o corpo e o sentimento que possibilita a essência metafísica elementar, que podemos chamar de a vontade da vida.

De acordo com Schopenhauer: “A ‘Vontade’, não é nem espírito, nem moral, nem razão que conduz a história. A ‘Vontade’ se assemelha a uma fecundação vital e ímpia: ela gera a morte e a destruição e inimizades incontáveis contidas na história da humanidade” (SCHOPENHAUER, 2001: 10). A relação entre Vontade e fenômeno expõe questões interessantes para a compreensão de determinados tópicos a esse respeito. Como discorre Petry: “A vontade é a essência de todo fenômeno, e o corpo é condição para se ter acesso a ela. Ela é a coisa em si que está em tudo o que existe no mundo” (2006: 53). Ora, tanto o encadeamento quanto a ruptura no que se refere à filosofia clássica alemã expressam o entendimento fundamental de Schopenhauer sobre

o objeto e o escopo da filosofia em geral, o que pode ser visto mais especificamente na afirmação de sua obra enquanto metafísica crítica e pós-crítica da experiência.

Nesse sentido, a noção de *fenômeno* pode ser mais facilmente compreendida a partir de sua etimologia, isto é, a palavra diz respeito a qualquer manifestação que está presente na consciência de um sujeito e que é objeto da sua percepção. Para Kant, *fenômeno* é aquilo que é objeto da experiência sensível. Ato contínuo, “[...] assim, a vontade aparece no mundo sob a forma de representação, mas nunca está submetida ao princípio de razão, pois o fenômeno é somente a parte visível da vontade, não ela própria” (PETRY, 2006: 6).

Com efeito, o que se pensa a respeito de “coisa” também é muito importante. Por isso, e para entender um dos conceitos caros para o que nos propomos neste trabalho, recorreremos também à filosofia kantiana e seu pensamento sobre *coisa-em-si* que se constitui como as coisas que existem, mas não podem ser experimentadas pelos seres humanos, pois não podem ser intuídas. Em princípio, a *coisa-em-si* é algo que existe por si próprio, independentemente do sujeito perceber sua existência, tornando-a um objeto.

Em *O Mundo Como Vontade e Representação* de Schopenhauer, o autor desenvolve uma rica argumentação acerca da condição do homem no mundo, de uma forma radicalmente oposta aos filósofos da época. Ora, “a Vontade é a precursora de todo o sofrimento do ser humano, é desejo cego, irresistível, tal como a vemos mostrar-se como vontade, no mundo bruto, na natureza vegetal e suas leis e o que ela quer é sempre a vida, isto é, a pura manifestação dessa vontade” (CACCIOLA, 2004: 185). Quando não obtemos algo que desejamos, sofremos, e todo sofrimento pode ser considerado uma dor.

Segundo Schopenhauer, de certo modo, o mundo, na sua totalidade, é representação, e de outro modo, Vontade. Entende-se o mundo a partir de perspectivas distintas, quer dizer, a partir da Vontade, que é a coisa-em-si ou essência incognoscível das coisas, e a partir da maneira como podemos conhecer os objetos, isto é, da representação.

Tomado como coisa em si, a Vontade é una e indestrutível, muito embora, quando objetivada, ela se faz múltipla, o que está diretamente relacionado ao egoísmo,

uma vez que é a partir dessa objetivação que surge esse sentimento. Em suma, podemos dizer que, dado o fato de que cada objetivação da Vontade precisa se afirmar, ela o faz negando as demais. Com efeito, o mundo fenomênico pode ser considerado uma arena de batalha entre fenômenos particulares que buscam se afirmar enquanto parte da Vontade.

Já no que concerne à nossa capacidade de entender o mundo, Cassirer oferece uma interessante passagem:

A autêntica intuição intelectual não diz respeito especificamente à uma faculdade mística de perceber o suprassensível, mas em uma determinada faculdade do intelecto, inteiramente sujeita a leis, que lhe permite compor o sensível, captando e interpretando através das formas originárias de combinação, que nela mesma se dão, isto é, os dados subministrados pelos diferentes sentidos (CASSIRER, 1993: 497. Tradução nossa)

No que diz respeito ao sujeito empiricamente condicionado, muito embora este se considere uno e distinto dos demais em sua essência, sua natureza pertence à mesma origem de todas outras coisas que se encontram no mundo fenomênico, isto é, o indivíduo e todas as coisas particulares são apenas uma pequena parte da Vontade. Ainda a respeito da relação com a Vontade, é necessário salientar que ela não está submetida à temporalidade, espacialidade ou causalidade. Isso tem uma série de implicações que também são importantes para nós. Uma delas consiste no fato de que não podemos afirmar o mesmo sobre o corpo, pois este não é livre como a Vontade e está preso ao tempo, ao espaço e à causalidade. Segundo Ana Carolina Soliva Soria:

Para Schopenhauer, se há uma essência verdadeira e indestrutível do mundo, ela tem que ser buscada, tal como dissemos acima, no agir dos corpos que o constituem. O único ponto que pode unir os atos corporais e o conhecimento é o próprio corpo do sujeito que o conhece. A interseção entre o que está fora da representação e o que é construído no conhecimento formal se dá na relação que cada um tem com o seu corpo. O problema da realidade objetiva do mundo pode ser assim posto sob estes termos: como é possível chegar à essência universal e verdadeira de todas as coisas partindo de um âmbito tão próprio e subjetivo a cada indivíduo – o do próprio corpo? (SORIA, 2012: 63)

Retornando ao par opositivo que nos auxilia na explicação dessa relação, o filósofo compreende que o ser humano é naturalmente volitivo e que está incontornavelmente sujeito ao sofrimento e à dor. Dessa forma, Schopenhauer expõe o seu conceito de Vontade para nós, caracterizando a Vontade como a própria vida. Sendo assim, o termo, “Vontade de vida” é realmente um pleonasma. Desta forma, enquanto a Vontade persistir, a vida também o tentará, uma vez que a Vontade é vida.

Ao concebermos que, no momento em que o corpo morre, o indivíduo não existe mais, enganamo-nos por completo, pois o que deixou de existir foi o fenômeno, mas a Vontade que se encontrava dentro daquele fenômeno não deixa de persistir, dado que Ela não está sujeita à morte. Portanto, não devemos pensar que ao falecermos nossa existência sucumbirá. Existiremos não mais como fenômenos, mas como Vontade, ou seja, ao encontrar-nos com a morte, a individualidade que possuímos enquanto fenômeno desaparece juntamente com a destruição deste e a Vontade que habita dentro de nós se perpetua, afirmando a nossa existência.

Tendo discutido essas questões fundamentais para compreender como se dá a metafísica no pensamento de Schopenhauer, nos propomos neste trabalho o desafio de refletir sobre o suicídio no pensamento do autor. Ora, no capítulo subsequente refletiremos sobre essas últimas questões aqui suscitadas envolvendo moralidade, religiosidade, fenômeno e suicídio. Nas palavras de Jair Barboza (2004: 90): “o suicídio que afirma a Vontade é egoísmo de quem quer bem-viver, já o suicídio do santo é redentor, é um ato do indivíduo, a partir da imanência, que atinge a essência metafísica”.

II – OS DESAFIOS DA EXISTÊNCIA NO MUNDO COMO VONTADE

O pensamento de Schopenhauer e sua compreensão acerca do tema suicídio fornece instrumentos para se refletir sobre a questão contemporaneamente à sua escrita e ainda nos dias de hoje, e é contestadora, à medida que rompe com determinados preceitos e ideias acerca do suicídio principalmente no ocidente e na civilização cristã. Buscando compreender um pouco mais sobre o assunto nesse deslocamento tempo-espaço, beneficiamo-nos do pensamento de Safranski para entender como a filosofia de Schopenhauer se circunscreve (ou não) nos “anos mais selvagens da filosofia”¹ e quais os efeitos que essa (possível) inscrição proporciona para o tema central deste trabalho. No tocante a isso, é necessário relembrar a importância de Schopenhauer na reflexão sobre o assunto:

A compreensão filosófica de hoje deve estar disposta a estudar a maneira como se desenvolveram os fatos que permitiram a ocorrência desses eventos. Para compreender os acontecimentos do presente, é necessário compreender a filosofia de Schopenhauer e, para isso, precisamos retornar ao apogeu atingido pela filosofia na época em que ele viveu (SAFRANSKY, 2011: 11).

Diante disso, questionamo-nos sobre quais os desafios do indivíduo em sua relação com sua própria existência diante desse panorama. Ainda sobre a individualização e seu processo ilusório frente à consciência, a solução do problema é a superação desta ilusão. Um indivíduo que alcance tal estado de consciência, “por mais pobre, destituído de alegria e cheio de privação que seja o seu estado quando visto de fora é, no entanto, cheia de alegria interior e verdadeira paz celestial” (SCHOPENHAUER, 2001: 69).

É necessário, para situar a discussão aqui pretendida, ter sempre em foco que na obra *O Mundo Como Vontade e Representação*, Schopenhauer mostra sua metafísica na qual o espaço e o tempo são governados pelo princípio de razão

1 Essa afirmação remete à leitura de Safransky a respeito da obra de Schopenhauer e de seu impacto no cenário filosófico daquela época.

suficiente; a Vontade é apresentada como a coisa-em-si; e o corpo é o objeto imediato da vontade. E nesse sentido, a respeito da relação entre sofrimento e existência, é necessário considerar também que:

O suicida nega tão somente o indivíduo, não a espécie. Como a Vontade de vida a vida é sempre certa e a esta o sofrimento é essencial, o suicídio, a destruição arbitrária de um fenômeno particular é uma ação inútil e tola, pois a coisa-em-si permanece intacta como o arco-íris imóvel em meio à rápida mudança das gotas, que por instantes são seu sustentáculo (SCHOPENHAUER, 2001: 504).

Sendo o mundo como o conhecemos uma representação mental, indagamo-nos sobre o desafio da existência. Como o sujeito encara sua própria existência face à Vontade? Ao ponto que o indivíduo deseja a vida, ao se deparar com limitações para a posse dela, o sentimento de insatisfação vem à tona e o remete à destruição de si próprio. Seria uma consequência do sofrimento diante da Vontade e na perspectiva da existência? A vontade do indivíduo é tão alimentada por ele que esta o supera de uma forma tão irracional, chegando a suprimir o fenômeno. Portanto, ao abrir mão do fenômeno, o indivíduo abre mão de uma possível libertação através da negação da vontade, que só poderia ocorrer na presença do corpo.

É necessário compreender, também, o motivo pelo qual Schopenhauer considera que a solução consiste no fato de a Vontade negar-se a si mesma. Essa negação, não obstante, deve ser obtida via ascetismo e não pode proceder tal como a negação ilusória, pois esta última consiste, inclusive, em um entrave à possibilidade da negação. O fato da Vontade negando-se a si consistir no bem está intrinsecamente ligado ao fato de a vontade entrar em luta consigo mesma. Ao se objetivar, a Vontade se faz múltipla, e cada objetivação particular se afirma negando as demais; tal afirmação é levada ao máximo, até o ponto de equilíbrio para além do qual o mundo já não seria possível. Havemo-nos com o pior dos mundos possíveis, o mundo dos fenômenos é uma luta incessante dos fenômenos entre si.

Partindo-se do pressuposto de que o suicídio não deve ser visto como uma questão de pequenas ponderações, embora consentindo com o fato de que há valores e ideias que norteiam o pensamento acerca do mesmo, Schopenhauer evidencia o entendimento sobre o suicídio problematizando-o no que se refere à destruição do

fenômeno e não como a morte, propondo a desmitificação do ato, mesmo em um mundo marcado pelo sofrimento. Da relação entre a coisa-em-si e o suicídio, é importante destacar que por mais que se destrua voluntariamente um fenômeno particular, a coisa-em-si não deixa de permanecer intacta.

No tocante ao suicídio é possível pensar, por exemplo, para refletir sobre a questão aqui posta, que, de acordo com o pensamento de Schopenhauer, o animal tem a vantagem sobre o homem de viver somente no presente, ou seja, não sente remorso por suas ações nem é assombrado pela consciência de sofrimentos vindouros e da morte certa e, por isso, sofre certamente muito mais de forma física. O homem, por outro lado, sofre ao se recordar dos sofrimentos passados e em pensar naqueles que ainda virá a sofrer, isto é, ele é capaz de sofrer duplamente, pois sofre também espiritualmente.

É necessário esclarecer que o suicídio não se define por negação da Vontade, mas sim por sua afirmação. De início, é de se considerar complexa essa definição dada por Schopenhauer ao longo de sua obra, mas ao passo que entendemos o que é a Vontade, inicia-se um esclarecimento sobre o seu pensamento concernente ao suicídio. Primeiramente é necessário distanciar a crença de que o suicídio seja a negação da vontade, pois o princípio de negação da vontade é a resistência aos prazeres. Contudo, o ato de suicídio é mesmo o oposto disso, é a fuga do sofrimento. A coisa que o suicida mais deseja, segundo Schopenhauer, é a vida. Mas por encontrar insatisfações, angústias, sofrimentos e dores na vida que possui, ele prefere abrir mão do fenômeno na intenção de que, ao fazer isso, ele está escapando de seu sofrimento e da vida que não quer para si.

Afinal, se, por um lado, o suicida quer a vida, não a quer dentro das condições em que esta se encontra, e sim uma vida em outras condições, ou seja, ele necessita tanto viver dentro de certa condição que nenhuma outra lhe satisfaz. Nessa insatisfação reside o puro sofrimento e, a partir do sofrimento, desperta o desejo de fuga deste. Em outras palavras, o indivíduo decide destruir-se enquanto fenômeno, com o intuito de fugir do sofrimento que sente por não possuir as condições de vida desejada. Logo, o suicídio se difere por completo da negação da vontade, por conta de se render aos prazeres desejados e fugir do sofrimento não desejado.

Propomo-nos a refletir, ainda, sobre outro evento acerca da explanação da Vontade, mas há de ser pertinente que a sua ênfase é o fracasso que o suicídio traz consigo. Afinal, quando o indivíduo toma a decisão de aniquilar o fenômeno, como já disse, ele destrói apenas o fenômeno. Ele não existirá mais como fenômeno, mas sempre existirá como vontade. Por isso, Schopenhauer identifica no suicídio um caráter extremamente ilusório. O indivíduo deseja a vida e, ao se deparar com limitações para a posse dela, o sentimento de insatisfação vem à tona e o remete à destruição de si próprio.

No entanto, a vontade do indivíduo é tão forte que chega a buscar a destruição dele mesmo, chegando a suprimir o fenômeno. Portanto, ao abrir mão do fenômeno, o indivíduo abre mão de uma possível libertação através da negação da vontade, que só poderia ocorrer na presença do corpo. Para acontecer essa negação, o indivíduo jamais poderia fugir de seus sofrimentos, porque são eles que ajudam na supressão da vontade de vida, ou seja, a força para alcançar essa superação reside no próprio sofrimento. Em certos casos, a ilusão de libertação através do suicídio percorre uma distância maior, como no caso do pai que antes de cometer suicídio assassina os filhos.

Trata-se de algo um tanto complexo ao pensar que o assassinato é um ato abominável e egoísta como é encarado por uma visão religiosa, moral, ou seja lá como se queira classificá-la. Mas o que importa de fato é que não pode existir um egoísmo no pai, pois nesse pensamento o sujeito encontra-se imerso sendo condicionado segundo a vontade, que mata os filhos amados e suicida-se em seguida. Contudo, se torna mais plausível interpretar o ato novamente como a ilusão da libertação por meio da destruição do fenômeno. Só que, dessa vez, há também a tentativa do resgate dos filhos, pois enxerga seus filhos como uma continuação de sua própria vontade, ou seja, uma continuação dos sofrimentos, das angústias e de tudo que deseja escapar. Assim, o pai que mata os filhos antes de cometer suicídio acredita que, com isso, não apenas está se libertando dos sofrimentos da vida, mas também libertando os seus filhos dessa vida que considera desgraçada. Eis o cerne da ilusão que origina o suicida. Este está tão condenado pela Vontade que a única coisa que consegue é afirmá-la, a vontade que existia dentro dele e dos filhos continua existindo, mas agora não de uma forma individual como era enquanto fenômeno.

Segundo Schopenhauer, a solução para o problema do sofrimento seria enxergá-lo tal como os homens santos e, através da vontade de afirmação do eu individual, tomar consciência da ilusão da individualização, compartilhando da dor do mundo inteiro. Ao compreender que a individualização é apenas uma ilusão e que somente a negação da Vontade de vida pode pôr termo à dor e ao sofrimento, o homem se torna livre. Circunscritos a essa perspectiva, no próximo capítulo nos propusemos a discutir as questões até aqui suscitadas acerca do suicídio, observando como exemplificação, o documentário “A Ponte (2006)” do diretor Eric Steel.

III – O SUICÍDIO EM “A PONTE”

Neste capítulo procederemos à análise do documentário “A ponte” (2006) à luz do pensamento de Schopenhauer com base nas discussões até aqui explanadas e, ainda, levando-se em conta algumas questões de caráter universal que corroboram a compreensão acerca do tema. Por organização metodológica, esta análise não pretende observar o documentário como um todo, e sim construir uma espécie de “todo possível” no universo do documentário a partir das falas dos familiares de pessoas que cometeram o suicídio e até mesmo através do relato de um dos jovens entrevistados, que fala sobre a sua própria tentativa de suicídio e a sua percepção a respeito desse ato.

O documentário do diretor Eric Steel, que se constitui de atos de suicídio ocorridos e filmados durante o ano de 2004, é reconhecido pelos críticos e espectadores de cinema como uma obra artística de qualidade incontestável. Sua relevância se dá através do objetivo em tratar do suicídio de forma sutil e até mesmo poética, sem omitir a realidade, e no entanto, com a gravidade necessária para tocar no tema com seriedade. O diretor mostra o fascínio que a ponte Golden Gate, que está situada na cidade de São Francisco nos Estados Unidos, exerce sobre aqueles que pretendem cometer suicídio. Além de capturar as imagens da ponte, o diretor gravou mais de 100 horas de entrevistas com testemunhas das mortes, familiares e amigos daqueles que estiveram na ponte Golden Gate para cometer com e sem “sucesso”, o famigerado ato. É com base nessas entrevistas que procederemos à análise.

O documentário se inicia mostrando a ponte Golden Gate de maneira lúdica, destacando a forma como ela se situa no espaço, explorando imagens que evidenciam aquela espacialidade: uma ponte de dimensões gigantescas situada em uma baía de São Francisco que tem a profundidade suficiente para se ver transpassar um navio transatlântico. A ponte, conforme mostram as imagens, é utilizada para atividades cotidianas e tipicamente bucólicas, caminhadas, pesca, entre outras coisas. Na perspectiva do tempo, ao iniciar com imagens aceleradas, uma das sensações que o

espectador (que vai assistir a um documentário sobre suicídio) pode ter é de uma temporalidade acelerada que, de certa forma, reduz a importância do ser humano (aqui representado por seu corpo) diante da coisa-em-si. Essa perspectiva inicial acerca do tempo e do espaço é muito importante na análise do documentário já que, através dela, poderemos perceber algumas questões sobre como a noção de fenômeno se inscreve nessa leitura.

É interessante considerar os objetivos do diretor do documentário ao realizar a obra. Todavia, ressaltamos que os objetivos desse trabalho são outros já que se pretende observar esses mesmos fenômenos de acordo com o pensamento de Schopenhauer. Nesse sentido, Eric Steel investigou as causas e as consequências do ato de se suicidar e traz, através das lentes das câmeras, a sua percepção sobre isso; percepção essa a qual nos beneficiamos para a realização deste trabalho monográfico.

A respeito do pensamento trazido em *O mundo como vontade e representação*, para iniciar esta análise, é necessário partir de determinadas questões. Dentre elas destaca-se o fato de que uma das razões fundamentais pelas quais Schopenhauer rejeita o suicídio está intimamente ligada ao fundamento de sua metafísica. No entanto, como vimos, há marcadas diferenças em relação às tradicionais rejeições sobre o suicídio, visto que Schopenhauer considera o ato como um erro, mas não como um crime.

Muito embora coloque um fim ao fenômeno de sua vontade, a decisão de se matar não tem como base a negação da Vontade, mas sim sua afirmação mais veemente possível. Ora, a Vontade guarda em si um conflito interno, tanto na afirmação quanto na negação, muito embora cada situação se faça de um modo distinto e seja guiado por um tipo de conhecimento específico, isto é, enquanto em um caso é a afirmação de seu fenômeno que a leva à destruição de si mesma, em outro, é o asco de sua própria essência que a conduz à tentativa de se auto extinguir. Haja vista o que dissemos no capítulo 2, podemos afirmar que o suicídio é a cessação de um fenômeno individual em virtude de uma vontade potencializada ao máximo. Ao que indica Schopenhauer, a renúncia à vida através do suicídio não é do mesmo tipo daquela cometida pelo asceta que morre por inércia, fraqueza e inanição, uma vez que o suicida não deixa de viver por deixar de querer; de modo contrário, podemos dizer que ele busca seu fim por não

estar satisfeito com as condições nas quais vive e por não poder satisfazer seus anseios e desejos.

Ato contínuo, Schopenhauer não encontra nada de moralmente condenável no suicídio. Aliás, nosso autor difere amplamente do repúdio de Kant em relação ao suicídio, isto é, ele não encara tal ato como uma violação do imperativo categórico. Nesse sentido, Schopenhauer é particularmente opositor ao cristianismo arcaico, que, segundo ele, tem como núcleo fundamental a verdade de que o propósito da vida humana é o sofrimento e a expiação dos pecados. Considerando que tal ato pode ser interpretado como uma tentativa de libertar-se do sofrimento, o cristianismo o rejeita. Schopenhauer o encara de modo distinto.

Ademais, lembremo-nos, pois, o núcleo central da metafísica de Schopenhauer é o conceito de Vontade. Vontade é a força motriz e a essência de todo o mundo material, incluindo nós mesmos. No entanto, tal conceito não pode ser visto como a vontade proposital de uma pessoa individual, mas sim como um impulso cego de cada coisa a perceber sua própria natureza. Do mesmo modo que o mundo é Vontade, o corpo humano é uma individualização da vontade e se expressa através da vontade-de-vida. Nessa perspectiva em que se considera a Vontade e, observando que o documentário se circunscreve no contexto de civilização cristã ocidental na qual alguns conceitos, como a moral e que estão imersos nesse universo, convém indagar sobre como a visão apresentada no documentário e a imediata condenação ao ato de suicídio se difere da crítica ao suicídio feita por Schopenhauer, tendo como ponto hermenêutico a observação de como o produto desses diferentes pensamentos podem oferecer alternativas com relação ao trato dessas questões.

Uma das primeiras percepções enganosas e que se evidenciam de acordo com os relatos contidos no documentário está na ideia preconcebida de que o indivíduo que comete suicídio “quer morrer”. Numa certa perspectiva, parece plausível que o indivíduo que pula de uma ponte quer de fato morrer, isto é, não lhe apetece viver. Aparentemente, este seria um raciocínio equivocado, uma vez que “aquele que se dá a morte quererá viver” (SCHOPENHAUER, 2001: 499). No entanto, por qual razão alguém buscaria a própria morte? Segundo Schopenhauer, suicidar-se ou se deixar morrer nada tem a ver com a razão e/ou irracionalidade ou mesmo como um ato de liberdade. É que se está insatisfeito com sua vida, a que não lhe permite realizar seus

desejos, consumir sua vontade, viver como lhe apetecesse, ou seja, viver realmente, daí a supressão da vontade.

De uma forma geral, a perspectiva trazida pelo documentário sobre o suicídio se caracteriza pelo esforço em tratar de um tema muito complexo com leveza. É compreensível a necessidade de se buscar essa leveza de uma forma artística já que o documentário mostra cenas reais de pessoas cometendo suicídios e, dada a percepção comum da sociedade ocidental acerca do tema, não é de se estranhar a perspicácia do diretor Eric Steel. No que refere aos relatos obtidos pelo diretor apresentados no filme e analisados por nós, é perceptível a denotação de repugnância quantos aos atos de suicídio julgando-os como egoístas, o egoísmo atribuído decorre da associação do ato ao sofrimento que ele causa às pessoas ligadas afetivamente ao suicida. Ao passo que se ressalta o egoísmo também se ressalta o ato de coragem que consiste em se suicidar: as falas denotam a necessidade dessa coragem para obter a libertação de um corpo que funciona como uma prisão para uma alma que, aparentemente, não se encaixa no mundo, estando sujeita a cumprir uma vida sem razão de existir sendo melhor caminho a morte. Deve-se ressaltar que o filme não procura questionar a legalidade do ato, e sim o que leva as pessoas a interromperem suas vidas.

De um modo ou de outro, parece paradoxal afirmar seu desejo de viver, sua vontade, negando sua vida. De acordo com essa perspectiva, mal se vê como isso poderia parecer uma solução não fosse aos olhos de um insensato. Ora, a negação da Vontade afirma uma contradição, caracterizada pela sua essência dolorosa, isto é, em virtude do conhecimento de seu núcleo metafísico, a Vontade volta-se contra si e busca sua extinção. Segundo Schopenhauer, ao se autocontradizer através de sua autonegação, a Vontade “destrói” (ou busca destruir) a essência metafísica do sujeito e, outrossim, redime sua natureza em sua completude. Para Schopenhauer, a vontade de vida se objetiva a fim de se afirmar; por conseguinte, se tal afirmação se acha obnubilada por reveses de um mundo caótico, a única saída e maneira de continuar a se afirmar e de negar este fenômeno particular e pouco viável é que “a vontade se afirme no suicídio pela supressão mesma do fenômeno, pois ela já não pode se afirmar de outra maneira” (SCHOPENHAUER, 2001: 499).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da filosofia schopenhaueriana, nos propusemos durante este trabalho a discutir sobre questões referentes ao suicídio, operacionalizando alguns conceitos dessa filosofia importantes para a compreensão acerca do tema. No primeiro capítulo discutimos os conceitos de Schopenhauer e outros conceitos necessários para a qualidade da discussão. No segundo capítulo, aprofundamo-nos no tema do suicídio e enriquecemos a discussão com a contribuição de outros autores que se propuseram a refletir sobre a filosofia de Schopenhauer, tal como Safransky o fez. No terceiro e último capítulo, utilizamos o documentário “A Ponte” (2006) do diretor Eric Steel como exemplificação das discussões anteriormente suscitadas.

Nesse sentido, e circunscritos à ideia de que a vida, em suas manifestações cotidianas e sua determinação nos sujeitos, pode parecer enigmática para o homem, compreende-se que se deve dar ouvidos ao espírito do mundo: “O valor da vida consiste precisamente em não querer vida”, sendo essa uma das prerrogativas para a compreensão no que concerne ao suicídio e “é para esta suprema iniciação que a vida deve prepará-lo” (SCHOPENHAUER, 2001: 172). Entretanto, que o homem empenhado no suicídio não se engane, pois além de Schopenhauer considerar o suicídio como afirmação da Vontade, ele também mostra o caráter ilusório presente nele, pelo fato de o suicídio não destruir a Vontade e apenas destruir o fenômeno, este um mero espelho da Vontade. Torna-se sumamente necessário distanciar o pensamento de que o suicídio seja a negação da Vontade, pois o princípio da negação da Vontade é a resistência aos prazeres. Contudo, o ato do suicídio é mesmo o oposto disso, é a fuga do sofrimento para aqueles cujos desafios da existência se colocaram de forma mais do que o suportável.

Segundo a filosofia schopenhaueriana, o suicida deseja sim a vida, mas por encontrar insatisfações, angústias, sofrimentos e dores em sua vivência cotidiana, ele prefere abrir mão do fenômeno com a intenção de, ao fazer isso, escapar do sofrimento e da vida que não quer para si. Dessa forma é possível explicar os diferentes

casos de suicídio relatados no documentário “A Ponte”, fazendo também a distinção do que concerne à morte devido ao ascetismo. Schopenhauer se importa com essa distinção e prova que, neste caso, não se trata da afirmação da Vontade e sim da negação dela. Isso implica em um grande fracasso intermediado pelo suicídio, já que desde o momento que se destrói o corpo, perde-se a única possibilidade de negação da Vontade (o ascetismo). Desmascarando o suicídio de várias formas, Schopenhauer consegue revelar sua essência ilusória, e faz isso sem precisar recorrer às diversas críticas morais, religiosas e muitas outras críticas presentes em várias doutrinas, existentes quanto ao tema suicídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. “Na fronteira do transcendental com o empírico. Metafísica e imanência em Schelling e Schopenhauer”. In: SALLES, J.C. (Org.). *Schopenhauer e o Idealismo Alemão*. Salvador: Quarteto, 2004.

CACCIOLA, M. L. “O intuitivo e o abstrato na filosofia de Schopenhauer”. In: SALLES, J. C. (org.) *Schopenhauer e o idealismo alemão*. Salvador: Quarteto, 2004, p. 183.

CASSIRER, E. *El problema del conocimiento III*. Trad. de Wenceslao Roces, 4ª reimpr., México: Fondo de Cultura Económica., 1993.

PETRY, Franciele B. *Sobre a diferença entre morte e suicídio em Schopenhauer*. Controvérsia, vol. 2, 2006.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da Filosofia*. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005

SIMMEL, Georg. *Schopenhauer & Nietzsche*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

SORIA, Ana Carolina Soliva. *Entre verdade e ilusão: corpo e mundo em Arthur Schopenhauer*. In: *Cadernos de Filosofia Alemã – Crítica e Modernidade XIX*. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP – FFLCH – USP, 2012.